

## **MAL DO SÉCULO**

Guilherme Kujawski

Os brasiis reataram seus laços afetivos e geográficos no quinquagésimo Ano Geofísico e, a título de comemoração, foi lançado um novo calendário em homenagem aos países signatários do Tratado de Comércio Global – uma liga comercial inspirada na Liga Hanseática de antigos margraves alemães que tinha como função proteger o comércio de objetos de arte (muita cerâmica azul de Delft, ovos Fabergé, mas principalmente porcelanas de Baignol, Pierre Tharaud e François Alluaud) entre os três países mais ricos do planeta: Estados Unidos do Norte, o Novo Império Frísio e o Reino Brasília. Mas como os acordos comerciais eram votados em bloco, garantindo sempre a vitória dos dois blocos setentrionais, as sublimes quinquilharias circulavam apenas entre as nações situadas acima da linha do equador.

Os governantes dos países dominantes não eram reconhecidos por terem resolvido com uma simples equação de Gini os graves problemas de distribuição da renda mundial, mas por terem solucionado problemas de degradação ambiental do planeta, principalmente na Nação do Congo e no Reino Brasília, os maiores poluentes e donos de uma frota de trilhões de carros sem catalisadores. O rico Grupo dos Dois investiu muito dinheiro na construção de estações orbitais de regeneração aeróbia sobre vários paralelos da Terra. Na verdade, a poluição não era o pior problema do Reino Brasília, e sim insistir em empacar quando as leis naturais ordenavam fugir de um enxame de abelhas assassinas. As leis da natureza sempre foram rígidas: para cada solução, surgem três novos problemas. Um dos ditados mais famosos da época era: "Enquanto a História estanca a hemorragia, a Natureza talha o leite". Assim os brasiis receberam mais oxigênio, mas não necessariamente mais saúde. Novas doenças surgiram e outras tantas antigas entraram em reprise.

Infelizmente, o Grupo dos Dois soube tarde demais que a correção de um excesso não deveria ser ditada pelo reconhecimento de uma falta cometida, e sim pela tomada de consciência premeditada. A soberba do bloco dominante, incentivada pelo poderio militar, sofreu uma grande derrota no XV Congresso da Gramática Universal. Os oficiais lexicógrafos brasílicos, munidos apenas com exemplos do vernáculo, conseguiram convencer os lexicógrafos do Grupo dos Dois que a língua sagrada de Adão era uma língua semelhante ao português brasílico. "Se Deus é brasileiro, então Ele fala o português brasílico", era um dos argumentos irrefutáveis dos advogados gramaticais. Como o português corrente era formado, majoritariamente, por nomes e pronomes indígenas, uma das línguas do tronco Macro-Jê foi

eleita, naquele mesmo congresso, a língua primogênita da humanidade. Os lingüistas do Reino Brasílico chegaram ao cúmulo de testar e provar que, se uma criança fosse criada longe da sociedade, sem a possibilidade de aprender uma língua natural, ela passaria a falar, quando a idade assim a permitisse e graças a uma disposição inata, uma língua muito semelhante ao Quiriri, extinta há séculos.

Foi assim que o português brasílico se tornou, para o deleite do Partido, a língua franca do mundo. Mas apesar dos êxitos triunfantes na diplomacia exterior, internamente as boas intenções do governo brasílico não chegavam a completar sequer uma ação social total. Por exemplo: a união temporária dos separatistas, firmada através de um pacto legalista entre os brasiis, foi politicamente inescusável, pois o atual Partido que havia chegado ao poder conseguiu a façanha de erradicar a miséria com um infalível plano quinquenal que agradaria até um kulak da Ucrânia. Mas no plano moral, o governo brasílico não havia conseguido diferenciar os crimes legais dos ilegais. Os políticos do Partido não tiveram receio de sujar as mãos ao tomarem o poder, mas, quando entrevistados sobre possíveis métodos violentos, afirmavam: "a realização mesma eu deixo na mão dos operativos".

A política pura do Partido era exercida na grande Capital, referida na mídia internacional como a Cidade do Sol, ou como a nomeavam internamente seus governantes: Cidade da Vitória. Mas Cidade do Sol era uma atribuição mais justa, pois os cartões postais mais famosos eram os que estampavam fotos de jovens gazeteiros expondo crânios tonsurados ao sol do meio-dia. Após esse horário, a maioria da população da cidade se deitava nos bancos de pedra espalhados ao redor da Praça do Relógio como jacarés (algumas fotos mostravam os diodos semicondutores de temperatura do relógio indicando cinquenta e um graus Celsius). O calor escaldante aumentava a circulação dos vasos sanguíneos, o ritmo dos pensamentos nulos e fazia as pessoas esquecerem que a vida é uma luta constante contra a força-g. Mas se fosse possível reunir todos os frutos daquela engenharia reversa mental num sumário da Sociedade Neurológica, não haveria material suficiente para reeditar um compêndio de platitudes, como o infame Livro de Instrução da Vida Diária.

\*\*\*

A alienação política da maioria dos cidadãos brasileiros tinha uma explicação: os três poderes consagrados, assim como os blocos territoriais, haviam se divorciado em razão da cisma entre os Téspis da representação legislativa e uma parcela de incomodados com a ausência do Estado de Direito na sala do Estado de Bem-Estar Total. E reclamavam com razão, pois os Téspis da representação jurídica também defendiam que todos não são iguais perante a lei, pois a lei importa somente a uns e não a outros (o que era muito mais cínico

que afirmar que "todos são iguais, mas uns são mais iguais do que os outros"). Ao final e ao cabo, era praticamente impossível a letra da lei favorecer a uma das partes contrárias, mesmo que a disputa em questão não estivesse sendo travada entre a pessoa física de um grego e a pessoa física de um troiano. A vida social, cívica e política dos brasiis havia se especializado em aprimorar técnicas de imobilidade e isolamento social.

Os historiadores também buscavam explicações para o atual estado de coisas. Segundo fontes confiáveis, a divisão da pátria inzoneira ocorreu em algum ponto após a queda da Décima República, no momento em que o corpo social parecia um vulto magro com a coluna vertebral fraturada, cujo castigo divino era correr eternamente atrás de uma formação de aves perdidas. A história ensina que grandes revoluções políticas implicam em drásticas mudanças de inteligência moral. Esta tese podia se materializar no riso de um cidadão avulso da Capital, um riso que, por sua qualidade nervosa, não era mais livremente associado a uma provável estabilidade financeira, ou a uma possível conquista amorosa; era associado a um grande trauma moral; ou ao choque elétrico de uma contradição, um oximoro urbano, como ouvir a doce melodia de um saltério saindo das caixas de som de um automóvel capotado. Depois da era das guerras, da morte das ruas e da elevação do complexo rodoviário urbano, os automóveis...

Como contraponto, uma leve tendência gnóstica pairava no ar. Com a sede de uma hidra, apóstolos de plantão espalhavam livros de vivências aos quatro ventos e cantos do território nacional. Por sua vez, a classe inconformada com a administração de concessões acreditava que o corpo humano era apenas um agente etéreo, um estabilizador ligado diretamente a uma fonte de energia suprema situada no reino de Pleroma, morada de Hierofante Jesus. Pelo menos era assim que pensava a liderança do grupo rebelde de mendigos, que contra-atacava a falsa tolerância zero do Estado com um zero de comportamento. A maior missão dos seres humanos na Terra, pregavam, era encontrar a sombra de um mundo num mundo podre e corrompido, ou seja, num mundo onde as enfermidades decorrem de lapsos na comunicação entre o sistema nervoso central e as demais partes do corpo, entre o Corpo de Luz e o Corpo de Sujidade. Já para as classes governantes – cuja política era distribuir à população mercadorias destinadas ao ferro-velho – o corpo não passava de uma obra de arte do Museu do Crime.

Uma guerra de culturas também pairava sobre o gênio do povo brasílico. O grupo que tomou o poder formou uma coalizão provisória e um Partido único, e justificava os piores arbítrios políticos com o argumento da salvação da flor do Lácio. Os dirigentes autoritários da nação haviam se aproveitado das inconsistências bairristas e dos

desequilíbrios entre poder e cultura para fincar seu cetro no centro de um conglomerado de cidades satélites que, como uma gangrena urbana, se estendia sobre uma considerável fatia da região Sudeste da nação. A megalópole, reflexo da tese nacional socialista que valoriza as ruínas em nome de gerações vindouras, movimentou suas trôpegas pernas geodésicas e ergueu-se sobranceira envolta em brumas sobre o espigão da antiga cidade de São Paulo.

Após a tomada do poder, o Partido demoliu uma metrópole caótica e construiu em seu lugar uma cidade nova, totalmente baseada nos sonhos planejados de um antigo prefeito local, que muito tratou com interventores. Desta forma, segundo o atual plano diretor do Partido – concebido por um grupo de arquitetos oficiais num jogo digital de simulação de cidades – foi construído, inicialmente, o Perímetro Central, também chamado de "Perímetro de Irradiação" (um triângulo construído sobre os antigos vale do Anhangabaú e rio Tamanduateí), de onde partiam marolas radioconcêntricas de largas avenidas rumo às bordas do campo. O plano de avenidas, que havia riscado ordenadamente o mapa da cidade-estado como um bicho geográfico, eliminou qualquer possibilidade de congestionamento com o conceito clássico de "carros de um lado, pedestres do outro". O Perímetro Central e as Operações Interligadas do plano diretor concluíram de forma magistral o debate filosófico entre detratores de cidades e defensores do campo. O modelo urbano, na vista de pássaro, parecia uma roda de carroça em alta rotação.

Pontilhando a cidade andarilha, destacavam-se as pitorescas obras faraônicas patrocinadas pelo Partido, como os colossais pilones das cabeceiras do Rio Vermelho e as torres do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Além daquelas construções, os verdadeiros ícones da Capital eram ciclovias, guindastes, antenas retransmissoras, chaminés de fábricas abandonadas, tramelas de cooperativas, frisos de igrejas e esquadrias de janelas coloniais. Os ícones, por sua vez, eram rematados com elementos supérfluos: colunatas dóricas, macieiras em torno de capitólios, conchas acústicas no centro de praças, *aquascapes*, reproduções perfeitas das colunas triunfais de Ramos de Azevedo, cemitérios em forma de terraços em pirâmides, praças de alimentação no alto de antenas de TV e o Anel Y, o sistema viário de evacuação rodoviária. E com relação aos poucos projetos de transportes alternativos, havia as balsas biônicas (parecidas com os antigos *bateaux-mouches*) que navegavam lerdas pelas avenidas fluviais do rio Pinheiros e do Tietê, assustando as deselegantes garças das várzeas.

\*\*\*

O quadro social do Reino Brasílico era bem definido e sua população podia ser separada em duas grandes fatias: de um lado, ou seja, da

metade do topo da pirâmide para cima, viviam os tipos A: uma classe formada por farmacêuticos indígenas, cartolas esportivos, empresários da indústria automotiva e notórios Chefes de Estado do Partido; neste mesmo patamar, inseriam-se os tipos B – formada por servidores públicos, funcionários do Partido e alguns simpatizantes filiados. A geometria do lado inferior da pirâmide era um pouco mais complexa e contrariava a matemática dos compartimentos, pois no restante da área – ou seja, da base do ínfimo topo ao início da gigantesca base geral da figura – enquadrava-se os tipos C, uma imensa massa de rebeldes sem causa, camelôs, indigentes super-humanos, perdedores compulsivos, pregadores da Igreja Quadrangular, divergentes da ciéntologia nordestina, sem-empresas, sem-computadores, sem-intelecto, pedintes clássicos e, finalmente, os mendigos escritores, os maníacos literários em voga. Para o Partido, a pirâmide de classificação social era um bloco único de rocha monolítica, o que tornava injustificável – e intolerável – a dissidência pura e simples. Mas a recusa do provimento estatal – pregavam os escritores em estado delirante de necessidade voluntária – era promover um curto-circuito ideológico, obtendo como plena garantia a morte súbita. Os rebeldes não se conformavam com o excesso de boas intenções infernais do Estado e, para não morrerem calados, resolveram abrir mão do direito vitalício de "reter" (o direito de "ter" havia sido revogado no início do segundo milênio).

A maneira de fazer política do Partido era considerada por muitos analistas estrangeiros como criptofascista, devido ao patrocínio de manifestações culturais imperativas categóricas que não passavam de declaradas demonstrações de força bruta e falta de compromisso com o essencial ("A pobreza é problema do Estado? Então o Estado não sou Eu" – frase ouvida em *off* durante uma entrevista). O povo, sempre mobilizado pelo Partido para promover um espírito cívico distorcido, eventualmente era acuado a participar de vários eventos prontificados, ou como queria o poder central, "Eventos-Verdade". Neste momento estava em curso um de natureza propagandista: uma parada folclórica em que milhares de crianças órfãs impingiriam a comunidade internacional da UNESCO a reconhecer as "conquistas na área de aderência étnica" e a "cultura tradicionalista aplicada" do governo central brasílico, cujo foro, o mundo todo sabia, era ocupado por príncipes esclarecidos e padrinhos com indisposição gástrica. A fiel juventude do Partido se vestiria com uniformes de cores verde oliva e azul turquesa (sem o amarelo), as cores da bandeira nacional que, ao longo de sua história, fora modificada exatamente sessenta e duas vezes (na vigésima sétima, o amarelo, que antes representava o subsolo rico em jazidas de ouro, passou a simbolizar cachos de bananas e outras frutas tropicais). A direção do Partido cunhou o evento (na verdade, uma arregimentação compulsória em massa; uma indução ao sono coletivo; um envenenamento psíquico) de Carnaval Unionista.

Um verdadeiro partido se preocupa mais com a fixação de seu memento ideológico do que com qualquer outra coisa. Se a ideologia é o fruto de uma idéia que pode ser expressa por centenas de palavras sórdidas, então que fosse dado todo poder àqueles que detêm os direitos autorais das escrituras! O presidente negro do Reino Brasília, embevecido por esse novo espírito, surgia nos telões públicos em cadeia nacional defendendo um tipo de patriotismo lingüístico. As antenas de difusão ecoavam discursos presidenciais filtrados por moduladores de coprolalia: *As palavras do português brasileiro são sagradas, meu povo! Evitem falar palavras desnaturadas, principalmente as de origem francesa! Sejam pacientes e procurem no fundo da memória coletiva as palavras correspondentes em nossa língua pátria. As doenças da fala podem e devem ser evitadas! Rogo a que todo o povo procure um médico de plantão, ou então ligue para as centrais de atendimento do comitê de saúde pública! A decência está em excomungar as palavras em línguas alienígenas. Afirmando com convicção que devemos enterrar o colonialismo lingüístico para sempre! Viva o Reino Brasília!* Em off, porém, reinavam os insultos: *Pétasse! Merde!*

As palavras livres do baixo calão eram hipnóticas e convincentes ao extremo. O verdadeiro inimigo do Partido, por mais imaginário que fosse (como uma farra do boi nas ruas de Pamplona, por exemplo), era o estrangeirismo na linguagem e os corpos estranhos que maculavam a prístina língua portuguesa brasileira. A realidade possível era menos importante que a utopia inviável, e as doenças provocadas por problemas de gestão não eram motivo de debate político. Assim, tradutores juramentados do Partido eram obrigados a verter para o vernáculo pátrio todas as expressões em evidência veiculadas em placas, cartazes, marcas e estampas, evitando assim a narcose provocada por ardilosas línguas estrangeiras. Entretanto, havia um perigo mais real e imediato (e impossível de ser escamoteado) do que a epidemia de Síndrome de Tourette que acometia o topo da pirâmide: a Peste do Chumbo. O sintoma da intoxicação era parecido com o mais grave sintoma da febre amarela, que consiste em expelir pela boca bolas de matérias escuras, parecidas com aquelas bolas de pêlo que os gatos regurgitam. Mas se estampava também no humor e no moral da população, já que era impossível distinguir ética radical e fraqueza de espírito.

Nas calçadas das avenidas mistagogas, a coroa do sol iluminava uma estranha anomalia no rosto de alguns cidadãos, a maioria com cenhos marcados pelo saturnismo. Aos doentes não restava alternativa a não ser se empenhar na eterna busca da vida intensa em meio a dores abdominais severas suportadas por morfina e piadas práticas. Muitos tinham manchas negras no bócio, pústulas no zigoma, ínguas prateadas e outras evidências do mal. O corpo

humano faz exigências rigorosas de movimentos involuntários e, de forma dúbia, se pune pela falta de intenções. Com tanta ciência e religião, por que as desgraças da humanidade são tão ciclotímicas? Por que a provação destrutiva dos homens sempre evolui por saltos? Seria correto a humanidade ser mal agradecida a Deus por Ele ter ofertado diretamente a Razão em troca da lenta evolução natural dos macacos? Era corrente a teoria de que a peste havia sido libertada junto com o gênio da lâmpada progressista, porém os sanitaristas do Instituto Biológico sabiam que a peste foi deflagrada pelas tintas dos grafitos. Os especialistas do instituto, inspirados talvez em Vital Brazil, não negavam a importância de suas atribuições, chegando mesmo a formar uma casta fechada em moldes rosacrucianistas. Vários médicos ortomoleculares brasileiros – acusados de serem cientistas do mundo fimbriado – foram perseguidos; e hoje eram de confiança dos tipos C por defenderem conceitos como o "movimento endógeno do coração" e carregarem lábaros dogmáticos como: "a alma, estando sob o efeito da anandamina, passa pelo túnel da Quase-Morte".

A peste negra na Idade Média ensinou aos doutores medievais que o pior problema das epidemias era a reclusão da razão que, livre de estímulos externos, não padece mais dos perigos da desilusão eterna, do horror e da loucura. Contudo, o sindicato dos médicos aprendeu também que catástrofes acontecem por muito menos – até por uma centelha de Salmonela. Desnudados os métodos de ação política em público, ficou claro para os tipos C que o Partido estava mais preocupado em vingar uma Cultura pura do que executar uma cultura da Cura, e estava mais interessado em estender o poder de fato para além de sua mera ocorrência. Dependendo do momento, este artifício era substituído por táticas mais agressivas, como disseminar notícias sobre os efeitos imprevisíveis causados pelo contato de baionetas com uma oposição organizada. Em contrapartida, as campanhas incisivas para erradicar a epidemia de Síndrome de Tourette foram maiores do que as campanhas contra o morbo do chumbo. O monopólio da saúde pública também era mais uma peça na engrenagem de poder do Partido, que detinha à força a guarda dos filhos do paternalismo e da oligarquia ancestral.

\*\*\*

Para desfilar na comissão de frente do Carnaval Unionista foram escolhidas as crianças mais bojudas e comportadas das creches do Reino Brasília, por caracterizarem o estado puro de uma cultura em formação. As crianças tipo A e B foram alimentadas desde cedo pela idéia de que só uma política de higienização cultural poderia fazer frente e derrotar o liberalismo democrático do Grupo dos Dois, o mesmo que perdeu a concorrência para administrar o sistema de vigilância de uma parte da Amazônia ainda incólume. Teoricamente,

não apenas o regime fechado dos dois brasiis havia vencido moralmente o liberalismo político-econômico dos dominantes; Cobra Norato havia derrotado Beowulf por direito de precedência. Por essa razão, toda criança brasileira que quisesse ser reconhecida pela sociedade tinha que aprender a decorar de cor e salteado não apenas toda a obra de Raul Bopp, mas toda a herança dos Nambikuaras e toda a seqüência do Ciclo da Cana através de hipertextos armazenados em discos rígidos. Mas a matéria básica continuava sendo a gramática brasílica, e o Partido utilizava como biombo do poder a origem divina das palavras nacionais. Os hinos eram declamados com a emoção do vernáculo, enquanto as imagens eram invocadas apenas em casos de remissão espontânea, resiliência crônica ou em casos de vida ou de morte de um orgulho pátrio ferido.

A estratégia do Partido era transformar as "grandes narrativas" em conversas de bar, fazendo os inimigos externos e internos serem comidos pelo próprio Tibiriçá. O moral mal passado do Grupo dos Dois foi sendo cozinhado lentamente em fogo brando pela Moral Pura do Partido. Paradoxalmente, o moral cozido incentivava a Moral crua, assim como o torturado tem a tendência de se apaixonar por seu torturador. E o que representava uma nação com uma Moral Pura, mas sem os postulados de uma Moral Definida: a impostura perante a morte ou a má utilização de uma urna funerária? De qualquer forma, uma Moral forma-se pelo congelamento de um momento de bem-estar ético coletivo e não por altruísmos desvirtuados. Por exemplo, muitas pessoas apreciavam não só assistir aos desastres automobilísticos nas ruas da Capital, mas participar deles também, como se elas fossem os bonecos de teste que, somente com o impacto brutal do choque, conseguem sentir suas almas infantis saírem do corpo artificial. E participar de um desastre não era como entrar numa simples Casa dos Horrores, pois a filosofia irracionalista corrente afirmava que a sensação mais precisa da morte era a de sentir labirintite dentro de um labirinto.

Os diplomatas do comitê do meio ambiente, muito letrados nas letras disformes, haviam se especializado em chantagens ecológicas junto aos premiês internacionais, pois segundo o quarto Tratado de Versalhes, assinado em Mangaratiba, o saque da biopirataria e o uso bélico da engenharia genética (como a disseminação de soja com genes de bactéria, milho combinado com escorpião e peixes com genes de morango) passaram a ser considerados crimes de guerra. A própria palavra "devastação", a pedido do comitê do meio ambiente, foi reavaliada no XV Congresso da Gramática Universal, pois uma devastação ocorre apenas em cenários que, apesar de possuírem uma gama infinita de tons verdes, são monótonas e previsíveis. Enquanto isso, os diplomatas do Reino Brasílico exigiam indenizações extensivas, pois alguém haveria de pagar pelos danos ecológicos

causados na última reserva florestal do planeta; por esse sumiço de enormes áreas verdes quase que por combustão espontânea! Outra palavra que os diplomatas falavam muito em gabinetes do exterior era "depleção" – uma palavra mágica que inibia com desfaçatez as tímidas ameaças de sanções. A política de higiene cultural empregada pelo Partido podia beirar à pajelança, com a retomada indianista na literatura e os argumentos da comunidade indígena pré-adâmica, mas o mundo todo reconhecia que sua retórica democrática era de um profissionalismo atroz. E o fato que comprovou definitivamente isso foi que, para desfilar na comissão de frente do Carnaval Unionista, as crianças, maquiadas com pó de arroz e urucum, não foram subornadas; apenas ganharam uma grande quantidade de doces de taboca.

\*\*\*

A UNESCO declararia em pouco tempo a Capital do Reino Brasílico como a sede cultural do mundo. Literalmente, a política nacional havia se resumido ao comércio autorizado de arte popular e solecismo. As artes típicas haviam tomado de assalto missões comerciais e influenciado o estado bruto da política real, apenas com o assobio ressecado dos discípulos de Catulo da Paixão Cearense, cantadores que não tinham o treinamento marcial dos poetas de tempos de guerra. Na visão oficial, a literatura sempre cumpriu o papel de corruptora de intuições e, para resgatar esta missão, tinha de partir da estaca zero de um cancionista partidário. Agora não como oposito; mas aposto. Apesar de esforço de redenção das letras, os efeitos da Síndrome de Tourette corrompiam as palavras que compunham todos os discursos proferidos em tribunas e salas de reuniões dos tipos A. *Va bouffer ta merde. Merde! Merde!* A francofilia da coprolalia não estava ligada ao neurologista francês; era apenas a manifestação de um excesso como exagero - e não como intensidade.

Um dos inimigos domésticos mais ferrenhos da falsa cantilena política era o exército de mendigos escritores – uma horda gigantesca de tipos C que se comprazia em exercer uma atividade literária militante urbana, que estava muito além da realidade virtual baseada em texto dos jogos massivos e do regionalismo literário imposto pelo Partido. A Capital não era mais o local de retorno de um indivíduo movido pela querência de sua terra natal ou um acordo de grupos meritocráticos; passou a ser o rincão de desobedientes civis que a tudo haviam renunciado, e que reconheciam na arte escrita muralista um forte sabor de resistência, um sabor de *confit* e não de pururuca. Os mendigos estavam usando as mesmas armas do Partido (o próprio discurso) como contramedida inversa, com suas frases tacanhas escritas pelos muros inacessíveis da Capital. Antes de virarem escritores de grafitos, estes moribundos eram escritores comuns, que

usavam esferográficas e formulários contínuos. Optaram então pela "literatura de rastro", escrita com pigmentos a base de chumbo.

Logo, o verbo reinava no Reino Brasília e a ordem agora era levar a sério os conceitos - e não tanto as imagens. As imagens eram usadas com parcimônia até pelos propagandistas do Partido, que recorriam a elas apenas para representar mascotes oficiais ou figuras de campanha. Essa crise da iconografia começou com os simuladores de imersão, que estavam fazendo com que seus usuários adquirissem uma autoconfiança exacerbada em situações reais, criando uma clivagem entre percepção e saber. A prova disso era que ver imagens reproduzidas de um boi sendo mutilado num matadouro soava mais repugnante que praticar atropelamento de animais em estradas de rodagem, pois a razão de ser de uma imagem depende da expectativa de realidade incutida no que é mentira e no que é documentário. Não existe perdão nem condenação para crimes sem corpo delito, sem um cadáver hirto devorado por um canibal especialista em não deixar vestígios - e isso era o suficiente para um carnívoro convencer um vegetariano terrorista de que os matadouros dos filmes eram locais de sacrifícios legítimos.

Os diretores do comitê de saúde pública do Partido não sabiam exatamente que a Peste do Chumbo estava relacionada com as moléculas que tinham um número ímpar de elétrons girando em sua órbita externa. Além do detergente, que dirime uma fração dos sintomas, parecia inútil lutar contra a doença, pois o mal começava a se alastrar como os braços de uma hidra. O Partido soube como frear a AIDS e a RAS, porém dizia ainda não dominar completamente o alastro da Peste do Chumbo. De qualquer forma, o Partido considerava a Síndrome de Tourette um maléfico maior, favorecendo os milionários empórios terapêuticos, que sempre lucraram por meio de práticas contestáveis, como a famosa "mais-valia da talidomia". Porém, a cura da maior epidemia que já havia assolado o país (maior que a Febre Amarela, a dengue e a febre maculosa) estava a uma distância de várias escalas de tempo geológico. Nas entrelinhas, os responsáveis pelo quadro geral da saúde pública apascentavam suas culpas com a diamba, uma substância proibida, porém tolerada. *Oh, merde, merde!*, gritavam em uníssono os adjuntos do Partido após os primeiros tragos.

\*\*\*

O discurso político do Partido, ladeado por um oportunista classicismo regionalista, era satirizado pela língua travada dos mendigos escritores, mais precisamente, vultos organizados em torno de uma horda que exercia a atividade militante de pichar em paredes, com tintas encontradas em depósitos abandonados, um tipo de literatura que, aos olhos de anorexia do Partido, era absolutamente

degenerada. Os grafitos eram rabiscados com uma grafia quase incompreensível, um léxico ideográfico anômalo, na maioria das vezes expressando frases desconexas e heteróclitas, com letras tremidas e duplicadas, mas de muito impacto tipológico – quase místico. A maioria das formas de letras usadas nos grafitos tinha um significado próprio, como os hieróglifos. Os mendigos escritores eram, inconscientemente, os verdadeiros revitalizadores do *fumisme*, que não pregava o conformismo nem o não-conformismo, e sim a fraude literária. Algumas dessas construções peculiares, compostas por idiotismos e estâncias de versos livres, eram de alguma forma legíveis. Exemplo: *as moléculas também estão ligadas umas às outras. e as moléculas com o óleo. a diferença entre sabão é apolar, porque na água, as moléculas com o óleo na água, as moléculas dentro das micelas. as moléculas de detergente têm pontas que mantêm as moléculas com duas pontas diferentes.*

A arte estava nas ruas. Uma batalha de idéias, idem. A cultura há muito tempo havia se dissociado da política (se é que já foram unidas durante um breve período helênico) por questões de funcionalidade. Mas o Partido, por meio de uma propaganda agressiva, dizia que ambas haviam se reconciliado. Para receber tal crédito, o governo central foi obrigado a dar um tipo de aval artístico ao povo desfavorecido perante a opinião pública internacional, e isso significou reconhecer as manifestações literárias populares contrárias à tendência regionalista. O Partido afagava a cabeça dos pichadores e regurgitava nos bastidores, em imprecisões inauditas, as vantagens de oferecer um enorme mural (os muros de todas as construções da Capital) aos praticantes de uma desprezível liberdade de expressão. Havia apenas uma única condição: o Partido faria de tempos em tempos exposições esporádicas dos grafitos, chamadas "Feiras de Arte Degenerada".

O conjunto de manias, obsessões ou fascínios amainava o caráter indefinido dos mendigos escritores, mas, ao mesmo tempo, oferecia uma capacidade para a criação de adventos caracterizados como, por exemplo, a impossibilidade de se fugir da Verdade. Isso era refletido nos versos sobre detergentes nos muros da Capital. Era espantoso como aquele conteúdo heteróclito, composto por letras malfeitas havia evidenciado o vazio destruidor do discurso político, pois negavam as contradições entre idéia geral e ideário perpetrado – o que era a mesma diferença entre tocar música erudita para vacas leiteiras em currais e para torturados em calabouços. Em relação ao discurso político, o que antes era desvio de caráter vocacional virou receita de paternalismo e preceito para o embuste.

O Partido estava interessado em continuar no poder com uma retomada de autores brasileiros clássicos na propaganda, em mais uma manobra folclorista. A proposta da obra Cobra Norato ganhou a licitação e foi escolhida como tema do Carnaval Unionista. Independentemente do compromisso com a UNESCO, o comitê executivo do Partido tinha que oferecer algumas regalias – paradoxalmente avessas a seus interesses – aos tipos C, pois a atual constituição, por descuido, havia legado das constituições anteriores noções perigosas, como "ação popular" e "ação civil pública". Teria de permitir o germe infame de uma reivindicação popular penetrar no vasto império das ciências jurídicas e literárias do Partido. E o pior: teria de obrigar o comitê de justiça a aprovar a proposta do representante geral dos mendigos escritores em considerar o roubo dos esboços de grafitos como latrocínio, pois o "delito do roubo é imediatamente seguido de uma morte em vida e da criação de um cadáver ambulante". Por essa razão, não havia proibições para as inscrições dos mendigos, que tinham ainda benefícios sociais típicos de um Estado de bem-estar segmentado, pois todos os tipos C recebiam cupons alimentícios que podiam ser trocados por miúdos de boi em açougues de todo o território nacional. O argumento oficial era que, se o povo não estava devidamente assistido, era por seu próprio arbítrio e interesse.

Combater a fome com uma política de assistência foi a Moral legada pelo Partido; com o tempo, a Moral Persecutória, a Moral da Força Bruta e a Moral da Admiração Forçada passaram a impingir menos convicção que a Moral de Disfunção de Conduta. O caráter moral dos cidadãos filiados ao Partido era determinado pelo seu peso, que variava da anorexia à obesidade mórbida. A desobediência civil dos mendigos era incentivada pelo Partido, contanto não fosse apenas mais um ato de conforto aos aflitos, e sim a justificativa para demarcar territórios e diferenciar a arte revolucionária ("degenerada") da arte regionalista ("pura"). O método de Raimundo para atingir a grandeza de um mártir era considerado pelo Partido apenas um "desnecessário esforço físico". Os adversários enraivecidos – mas beneficiados pela tutela do líder – viam na política do Partido a prática de um Estado invejoso que, autoritariamente, desautorizava os ávidos pelo imprevisível. O Estado investia na estética salubre da cultura popular para enaltecer a diamba e, com efeito, incorrer em atividades excludentes, alegava o raivoso. Por cultura popular, entenda-se, uma arte financiada por dirigismos culturais, mas tão distante de expressões sagradas quanto está o campo de junco do paraíso egípcio. O artífice não mais produzia um artefato com propriedades religiosas e utilitaristas, não mais objetos vivos capazes de classificar informações com base em conhecimentos adquiridos anteriormente, mas se contentava em apenas encontrar novas folhas de estilo. O Partido condicionou o surgimento de um

novo realismo socialista, forçando a entrada de novos padrões na forma de objetos revestidos pelo caráter de permanência. A tolerância cultural foi deposta, e passou a enviar mensagens do além, como imagens falsas formadas por nuvens. O artífice foi trocado pelo mártir, e o artefato pela relíquia.

Todos sabiam que Raimundo, o chefe dos mendigos escritores – um homem fuliginoso e de idade irreconhecível, que usava uma cobertura a Oscarito – era orgulhoso e não via com bons olhos o uso da cultura para fins de promoção estatal. Ele sabia que o Estado não cumpria mais a função de apaziguador de províncias em guerra e nem de braço militar; o Estado passou a ser reconhecido pelo que sempre foi, ou seja, um sujeito abstrato que audaciosamente se diz capaz de contabilizar danos sociais, mas que, ao cabo e ao final, acabava apenas dirimindo a possibilidade de perda de seus donatários. Inconformado com tal impostura, ele arrebanhou apátridas bêbados e vilões desesperados para torcerem o nariz ao Partido, e propôs o método alternativo de tratamento da peste: a ingestão de detergente misturado com bílis pura para combater a atrábilis, uma substância liberada, segundo as idéias do antigo médico grego Galeno, por uma disfunção da alma fisiológica, a pneumata, alocada no reino de Pleroma. Raimundo acreditava que este método alternativo intimidou o Partido da mesma maneira que Muzio Scevola intimidou o chefe dos assírios colocando sua própria mão num braseiro. Ele era apenas um mendigo, mas tinha o poder suportado por milhões de pares. Agora, o que todos sabiam, mas fingiam não saber – pois as pessoas não estavam acostumadas a dar ouvidos à sua própria mente – era que, Raimundo, o mais roto dos mendigos, era o potencial vice-rei dos brasiiis. Para ele, a diamba era um blefe da classe dominante; e ser mendigo era melhor que ser um ladrão de frases.

\*\*\*

Raimundo acordou com a cantoria das lavadoras da várzea e dos carregadores de água, levantou o encerado preto e mirou o céu cerúleo com olhos remelentos. O céu com aspecto de café adormecido refratava uma luz escura, uma luz longe de ser diurna; uma luz proscrita da palheta luminista de Manet, pintor que dormia e acordava bem cedo para aproveitar – e estudar – toda a luminosidade possível do dia. Essa luz indefinida era pressageira e o mestre dos mendigos escritores, com o queixo perfilado, refletiu se um atrator estranho incorreria em suas decisões hoje. Ele estava com a Peste do Chumbo e bebia detergente coado na esperança de limpar seu corpo impuro do mal. Mesmo assim, nada o demoveria de cumprir todos os itens da agenda, mesmo que um pedaço de estação orbital extinta caísse sobre sua cabeça. Sua decisão prioritária era convencer o secretário-geral do comitê de cultura a liberar um texto

do médico Galeno arquivado no CPD do Partido. Esta liberação estava garantida por uma lei orgânica de saúde pública e não por uma manobra do Partido (segundo o alto escalão do Partido, isso contribuía para a falsa superação moral dos tipos C).

A segunda decisão de Raimundo era se ia assinar ou não o termo de adesão de dois novos mendigos candidatos a serem agremiados no exército de mendigos escritores. Um tinha a tatuagem de listras e estrelas no braço inteiro (uma tatuagem de cárcere feita primariamente com uma agulha) e tinha escarificações espalhadas por todo o rosto – certamente uma tentativa de conserto de cortes recebidos numa briga de garrafas; o outro se apoiava numa perna de pau e era a própria materialização da Coisa, porém encardida. Um conselheiro de Raimundo disse ter desconfiado serem agentes do Partido, mas ele retrucou que espiões infiltrados podem tornar-se agentes duplos, pois um pouco de hipnotismo transforma qualquer homem meditativo num alucinado. De qualquer maneira, teria de analisar com cuidado as vantagens e desvantagens da morte natural e da morte violenta.

Raimundo pensava que se o homem racional não prestava contas a Deus por ter atingido um estágio de humanismo totalitário, não deveria agradecer, tal como um platelminto rastejante, as esmolas das graças atendidas. Um tipo C autêntico sentia-se como um seguidor de conclaves. O caminho do meio budista não mais tinha o poder de uma força expedicionária nem o sentido de vitória sobre um inimigo natural, e não ensinava mais como dominar terras incógnitas ou devastadas. Os mestres mendigos, portanto, caminhavam sempre na contramão de vias de mão única e, ao serem refletidos no outro lado, extraíam o máximo de si mesmos. Para Raimundo, seguir por aquela senda era seguir o caminho do desejo de poder tudo, soterrado apenas pelo poder de querer tudo; isso à custa de obter o máximo possível com um mínimo de expensas existenciais. Mas de que adiantava o poder ético supremo se a morte batia em sua porta com os nós frios do dedo indicador?

Para o Partido, aquele mendigo carismático não passava de um receptor de partículas em suspensão e um colecionador entomológico – não de borboletas, mas de piolhos. Sua existência causava perturbação: pelo medo impositivo de sua figura messiânica, pelo aspecto monástico de seu estado de necessidade, pelas admoestações que fazia aos que davam passos em falso, pela sua catanga radioativa. A classe política estava tentando recuperar o terreno perdido, pois quase entrou em colapso quando os arautos da "arte degenerada" passaram a acusá-la de irresponsabilidade moral e de terem tentado construir uma Moral do zero. Quando o sagrado atravessa crises de sentido (e, por conseguinte, de moral política), o carisma dos etilitas é elevado às alturas. A ladainha litúrgica dos

revolucionários sempre pregou, nas entrelinhas contínuas dos séculos que, para alguém ser um administrador de almas penadas ou um mágico de epifanias era preciso não admitir, nem na hipótese de uma dádiva em falta, o compadecimento por afeição.

Os tipos C eram sábios neste ponto: eles abominavam a renúncia de objetos usados inseridos ainda na categoria "meia vida", pois nenhum objeto adquirido era encarado como descartável ou de vida breve, mas era utilizado até o último fio de lona, a última fagulha de hulha, a última molécula de borracha, podendo a solução final ser escolhida no começo. Atitudes frívolas como ver o raio verde do crepúsculo, ou ouvir os acordes de uma rabeça de brinquedo, lançavam um feitiço mais potente que as armadilhas de riqueza fácil. Já o Partido via a atividade do exército de mendigos escritores como inofensiva, impossível de tartufiar uma mensagem de revolta; e acreditava que se a vida estava tentando assumir o lugar da arte, então era porque todos os modelos estavam esgotados. Para o Partido, os mendigos escritores estavam tentando criar um modelo novo: um aprumo em meio ao desalinho.

\*\*\*

Num edifício de setenta e dois andares construído no meio do Paço Municipal, um grupo de consultores do Partido discutia com a aspereza requerida por tal cargo as pautas do dia. Uma delas era sobre a evolução dos custos para a consecução do que consideravam "o maior evento cívico desde as comemorações do término da Reconstrução e do Sesquicentenário". O presidente do Partido – um negro parrudo que se firmou somente com despojos de guerra e sobras de campanha do governo anterior – estava muito ansioso e, sem disfarçar esta impropriedade, acuou os consultores com perguntas diretas a respeito das matérias principais e secundárias da agenda. Os assessores enfileirados ao seu lado imprecavam em seguida, um de cada vez, na cadência de um jogral maldito.

- *Fais chier! Merde!* Como foi argüida na ação, a desestruturação da Banda do Corpo de Bombeiros tende a gerar uma situação de difícil reversão na hipótese de declaração de inconstitucionalidade da emenda aprovada pala majoração do Partido... *Pute merde!*

- ...*Ordure!* O corpo militar, sob a tutela do comitê de segurança nacional, passou a ser responsável pela elaboração e execução da política estadual de defesa civil e das medidas de prevenção de combate a incêndios. Isto está disposto na organização e funcionamento da administração... *Merde! Merde de Zazie!*

- ...*Merde!* Já que o presidente do supremo tribunal do comitê de justiça salientou que nenhum processo precedente que tramitou no

tribunal tratava da extinção de um dos órgãos previstos na constituição do Ano Geofísico...

- ...E é de inequívoca plausibilidade a usurpação dos *filis de pute* da iniciativa privativa do mandado. Não se trata de matéria relativa ao regime jurídico dos servidores públicos *filis de pute*...

- ... E quanto ao recesso judiciário do comitê de justiça, o presidente já determinou que os representantes da casa militar, sob a tutela do comitê de segurança nacional, e do comitê de meio ambiente comprovem uma tese de soberania nacional. *Merde! Merde! Merde!*

O presidente negro foi lacônico:

- *Batard!* Foi determinado que o Corpo de Bombeiros ficasse responsável apenas pela banda?

- S-s-sim, senhor presidente...

- Então está despachado. *Leche mon cul!*

Após um segundo de alívio geral, a sala foi acometida por um silvo surdo, como se fosse da própria cobra Boiúna.

- Então, *bouffons?* Vamos ao que interessa? Estamos às vésperas do Carnaval Unionista... Como está o trabalho da força-tarefa? Onde está o relatório do comitê de inteligência, *ordures?* Os mutirões estão rendendo? O *pedé* do líder dos tipos C está sob controle?

Os excessos escusos da segunda parte da agenda explodiam como bombas-relógio. Para evitar imprevistos no dia do Carnaval Unionista, o Partido havia deliberado a criação de uma força tarefa, cuja missão era remover previamente os doentes tipos C das proximidades do desfile. Feito isso, deveriam apagar dos muros as inscrições em louvor aos detergentes (*a diferença entre sabão e outra que atrai o óleo ou gordura só com as moléculas de água de sujeira que entram nas micelas porque as gorduras de óleo na água líquida as moléculas de óleo ligadas. detergentes têm uma ponta da molécula da molécula de sujeira por onde entram nas micelas*).

Um consultor falsamente bem trajado (usava uma gravata estampada com um desconhecido personagem de desenho animado) adiantou:

- Tudo anda como planejado, Sua Excelência. As duas indústrias farmacêuticas concorrentes da patente da diamba, o laboratório dos Maués e os representantes da dinastia Sarney, já fizeram uma negociação do tipo ganho-ganha. Para completar o Grupo dos Dois

emitiu uma carta de compromisso que prevê o afrouxamento de políticas protecionistas. Afinal, nem só os desgraçados tipos C possuem alma fisiológica, correto? Precisamos de uma diamba de qualidade controlada! A taxa de imprecações decaiu visivelmente depois do tratamento com a diamba. Nem a clodina foi tão eficiente. Se dependêssemos da clodina, já teríamos nossas línguas cortadas!

- Muito provavelmente estaríamos em outro plano, concluiu outro assessor.

- Afrouxando, é? Isso significa que... Voltaremos a entrar na rota da porcelana francesa?, perguntou ansioso o chefe maior.

- Isso é desejável, Sua Excelência. Assim como dar continuidade à distribuição de detergentes aos tipos C.

Um consultor médico do Partido se levantou e entrevistou:

- *Fous*, todos sabem que esse negócio de detergente é uma comédia macabra. Vamos nos ater aos fatos científicos. O problema é que a oxidação sempre vem acompanhada pela redução de um receptor de elétrons. O processo é chamado de redox. O oxigênio, em alguns casos, pode ser um poderoso agente de lesões oxidativas causadas pela formação de radicais superóxidos. A peste é efeito do excesso de oxigênio e da redox. As estações de oxigenação são as culpadas pela neuropatia. Não as tintas. Chumbo? Meu *bite*!

- Engana-se, *pauvre con*. O chumbo tornou-se a diferença que faz a diferença.

- Acontece que não podemos promover um cessar fogo precário. Temos que continuar a investir no evento carnavalesco histórico, com um tema histórico, um tema que vire uma causa no futuro. É a única maneira de fazermos o projeto de lei ser aprovado. É a única maneira de sobrevivermos ao mal da síndrome...

Outro assessor, como um penetra, acrescentou:

- Então mantemos a estratégia em curso?

- Certamente. Finjamos que as aparências não enganam.

- Sim, a mensagem do Carnaval Unionista é clara...

- *Tête de noeud*! Não empacotamos apenas alimentos...

O presidente negro, com sua tradicional racionalidade georgiana, horária, não parecia estar muito interessado em lições de bromatologia e insistiu em assuntos mais pontuais.

- *Vas te branler!* Sigam com a pauta... Está quase na hora do almoço. *Tu m'emmerdes.* Cadê a minha diamba?

Um assessor acendeu um cigarro e o ofereceu ao presidente negro, que nem sequer agradeceu. Cada detalhe de sua rudeza era meticulosamente ressaltado para mostrar que sua incumbência política era derogatória, quase teológica. Mas a verdadeira impressão que transmitia numa primeira vista era a de que suas incumbências transitavam entre o cínico pranto de uma carpideira e o frio convencimento de um fazedor de milagres.

- Fico admirado com tamanha solícitude, *ordures*, mas agora vamos falar do que interessa. Estamos preparando um plano de moralização de nossa pátria dividida. Tudo precisa estar funcionando perfeitamente. Pergunto: as fantasias de Cobra Norato já estão prontas? Estamos orientando as costureiras para que ela seja feita com apenas dois tipos de materiais: elastano e bombazina? Lembrem-se: tudo deve transmitir a idéia de pacto no Reino Brasília. Nossos cancioneiros já ensaiaram as quadras de Catulo? E as quadras da fase Arraial do Armorial? O tema de Anacleto de Medeiros já foi exaustivamente ensaiado pela banda do Corpo de Bombeiros? E as portadoras dos satélites da nossa órbita geoestacionária já estão disponíveis? Quero todos os funcionários do Partido, de todos os escalões e modalidades, de sobreaviso. Quero ver a área do desfile e a Praça do Relógio livre de doentes. Quero ver também os bulevares exteriores e os circuitos parciais secundários desimpedidos. Quero ver se vencemos também a limpeza dos grafitos em torno destas áreas, pois não quero que a comunidade global perceba a imundice da nossa Capital. Como vai ser a evolução?

Outro consultor, que sabia que aquela penúltima frase não era uma metáfora, engoliu a seco e explicou sucintamente os detalhes do desfile do Carnaval Unionista:

- O primeiro carro-alegórico vai apresentar a Escola das Árvores. Cobra Norato, com uma fita no pescoço e segurando uma flor de tajá, vai estar ao lado da filha da Rainha Luzia, com seu anel e seu pente-de-ouro. A comitiva do casal será formada por foliões fantasiados de Minhocão, Bicho do-Fundo, Cunhado Jabotí, Rei-de-Copas, Boi-Queixume e outros personagens menores. No segundo carro-alegórico, vai estar a Cobra Grande em baixo de um painel de cacho de estrelas. Um folião fantasiado de tatu-de-bunda-seca vai delatar a união de Cobra Norato com a filha da Rainha Luzia. As estrelas sobre a Cobra Grande vão cair e provocar um incêndio. A Cobra Grande vai

então saltar deste carro para o primeiro carro, onde tem a alegoria de um rio. No terceiro carro estarão a Mãe do Lago, com sua figa de Angola, e um Pajé encarnado com o espírito de onça.

- Humm...

- A partir do terceiro carro, virão os carros secundários. Os dançarinos farão uma espécie de benzedura do incêndio através das fumaças de mucurana, como era chamada antigamente a nossa diamba. As fantasias de todas estas entidades já estão prontas com os devidos tecidos e acabamentos.

- Hum... Quem teve essa idéia?

- O sistema, senhor... Promover a diamba com Bopp é de uma genialidade inaudível! Mas *va t'faire mètt, connard!* E entre os carros secundários, além do carro de bombeiros, haverá outro homenageando o centenário de Álvaro Apocalipse, líder do grupo de marionetes Giramundo. Entre os adereços haverá um flamingo gigante e um espírito-das-águas, todos feitos com papel manteiga.

Outro consultor mais inflamado emendou.

- O Partido está contratando um número animador de servidores públicos para seus quadros em troca de pequenas funções administrativas para a produção do evento! Estamos cobrando resultados comprovados dos organizadores do Carnaval Unionista e do comitê de inteligência! Dentro em breve seremos o maior Partido da história desse país.

Em segundos, todos os reunidos naquela sala automaticamente levantaram os dois braços como se tivessem marcado um gol cósmico e guincharam como se estivessem tendo um orgasmo universal.

- Salve Vitória!

\*\*\*

O Estado condenado por tragédias naturais e artificiais se esforçava mais na solução de uma metástase moral, uma doença que teve início em tempos imemoriais e que agora, materializada na forma de síndrome, estava quase fora de controle. Portanto, a indolência política no sentido de cumprir a missão divina de combater as distorções de *salus populi* agravou ainda mais a saúde do discurso político, resultando em desordem neurológica no seio da classe dominante. Após tanta violência ética, perdeu-se o âmago que dá sustentação ao social. O fracasso da confiança política podia ser

percebido na enorme proliferação de sistemas de alarme, que eram instalados não apenas em instituições financeiras, mas em qualquer edifício público ou privado. Mas o Estado não era condenado por incorreção da vontade política? Não, pois a estratégia era interpelar o povo para que a nova ordem cultural - e política - não fosse colocada em xeque.

A reunião na explanada continuava a todo o vapor. Um terceiro consultor, sem consultar ninguém, lembrou:

- Os benefícios que estamos oferecendo aos tipos C, como cupons alimentícios e certa autonomia, tudo isto está compensando...

E isso foi como jogar sal numa ferida coberta ainda com o sangue rubro.

- VOCÊ SABE POR ACASO QUANTO ESTÁ CUSTANDO AOS COFRES DO PARTIDO ESSES BENEFÍCIOS, *CUL DE MULE*?

- N-n-ão, senhor presidente...

- Tirem esse *merde* daqui...

Quatro sargentos do Corpo de Bombeiros "convocaram" os braços do expulsado.

- Se não sabe, então não queira saber. Isso poderia fundir seu cérebro de *merde*... - disse por entre os dentes alvos o presidente negro, enquanto o futuro *homo sacer* era retirado do recinto.

Um consultor tomou a iniciativa de distrair o comandante em chefe com uma mudança de pauta.

- As indústrias farmacêuticas já estão fornecendo a diamba, *vas pisser dans les fleurs*.

- É fato?

- É fato.

Um consultor médico viu que aquele era o sinal de fumaça que clamava por sua intromissão:

- A diamba afeta diretamente o globo pálido lateral... - e, ao perceber que seu diletantismo de fundo de quintal dominava o próprio chefe maior do Reino Brasílico, continuou com seu bafo quente - ...diminuindo a incidência de imprecisões.

O Presidente, cansado com os rumos daquele "método do caminho crítico", fechou a sessão e voltou os olhos vagos de nostalgia e pulsão famélica a seus assessores.

- Qual é o cardápio de hoje?

O chefe de cozinha do Partido listou prontamente os miúdos disponíveis para a ceia:

- *Pieds, rognon, coeurs, langues, mou, fois, bonnet, ris, tetine, queue, cervelles, tête...*

- *Tête moi le dard, enculé! Merde! Merdddddddeee!*

A sala ecoou uma cacofonia de conversas paralelas. Uma faxineira de plantão foi obrigada por três consultores sádicos a equilibrar três cadeiras no ar. A funcionária não se incomodou com a brincadeira; pelo contrário, se sentiu poderosa - a ponto de provocar um desastre automobilístico a poucos quilômetros dali (o semáforo deixou de ser considerada uma obra de arte semiótica desde os anos 40 do século 21; o sinal amarelo, por sua vez, passou a ser o maior exemplo de um "indecidível", ou seja, tornou-se uma sentença nem verdadeira nem falsa, dentro de um sistema de dedução). Em tempos atuais, em que não havia mais correlação lógica entre dinheiro e poder, o bem material mais valioso - depois da escrita - era a atenção.

\*\*\*

O Evento do Carnaval Unionista, arquitetado com muita precisão por centenas de comissários do Partido, resumiu-se num memorável desfile de carros-alegóricos pelas avenidas axiais que circundou a Praça do Relógio, apesar da chuva fina e perturbadora. A avenida principal ficou repleta de blocos e carros de trio-elétrico representando a mais pura manifestação da cultura. Os alas fantasiados de Cobra Norato e Rainha Luzia sambavam em cima da plataforma do primeiro carro-alegórico enquanto a bateria de caxambu pulsava seus timbres. O Partido havia conseguido canalizar a histeria coletiva para uma hipnose coletiva, encarapitando foliões com espíritos momescos, que sabiam de cor suas obrigações cívicas e as continências de uma congada nacional. A nação inteira, unida temporariamente pela idéia imorredoura da cultura pura, convergiu mais uma vez para a peça de resistência do poder. No feriado carnavalesco, as ruas ficaram cobertas não por nuvens negras, mas por jovens folgazões e membros uniformizados da JP (Juventude do Partido), que gritavam com voz imperativa: "Cura-te a ti mesmo! Cura-te a ti mesmo!". Os integrantes da força-tarefa e das equipes paramédicas complementavam: "Minhas condolências..." e "Eu costuro, mas o problema continua sendo todo seu".

Logo atrás do primeiro carro vieram outros sustentando os principais ícones da cultura, como o Armorial/Romançal e o Tronco de Guapuruvu. No alto das plataformas, os cancioneiros do Partido, embalados pela memória do mestre Catulo, recitaram em megafones a poesia imaculada. Foi escolhida como música tema do desfile "Os Bohêmios", uma música do repertório da Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro (hoje um enclave litorâneo engolido pela Capital). A alma do povo fazia limite com a flor da pele não para melhor captar as considerações de um mundo sensual ou manter uma relação privilegiada com as coisas, mas para absorver o horror puro de uma política canhestra coberta por patrulhas ideológicas. A tática secundária do Partido era articular uma triangulação moral, delegando poderes de expressão limitados ao povo (coisa amoral); proporcionando uma desgastante luta interna entre as classes menos privilegiadas (expectativa imoral); e, por fim, reunificando geograficamente os blocos dispersos (coisa de moral duvidosa). A moral tinha a mesma consistência de uma onda aérea que se desfaz por métodos eletrônicos.

Os opositores mobilizados por Raimundo foram instruídos a assobiarem durante a parada para tentar abafar o som dos trios elétricos, mas os cidadãos estavam cantando mais alto, animados com a sensação de catarse. Ao passar pelo arco da Praça do Relógio, ouvia-se com mais precisão as conhecidas onomatopéias dos personagens de Cobra Norato, E sob esse silvo a população dançava, como se estivesse em transe provocado por uma *totentanz*, desprovida de júbilo e carregada de resignação. Assim, a cultura oficial aplicava, com novos métodos de gerenciamento político, a filosofia mercantil do "vão-se os dedos, mas ficam os anéis". A fluidez dos eventos carnavalescos corria pelas ruas de uma cidade que tinha o desenho urbano inspirado não na constelação de Órion, mas sim num borrão na calçada iluminado pelo brilho esverdeado da lua. Depois dos desfiles, a Capital mais parecia uma gaiola de Faraday de desejos escusos do que o centro de um espaço cercado por fronteiras móveis e negociáveis.

\*\*\*

No dia seguinte, Raimundo acordou cedo e resolveu caminhar sozinho pelas ruas ainda marcadas com traços do evento. Pensou que aceitar as benesses do Partido - tanto na forma de miúdos como na de detergentes - era parte de uma velha estratégia reflexiva banal; mas isso não era o mesmo que trocar paz comprada por liberdade vigiada. Ele sentia-se quase redimido por oferecer à sociedade tanto uma recarga moral subversiva, como uma emenda à Moral vigente, esgarçada de tanta lavagem a seco. Inspirado, resolveu escrever em um poste as seguintes palavras: *o detergente (saponáceo) foi*

*fabricado na superfície de produção de sabão tradicional com uma úlcera ou ferida, e o mesmo e perfumes. os detergentes apresentam em águas duras, mais ativas e perfumes. os primeiros detergentes não solúveis (apolares). essa interação resulta em uma almofada com uma parte polar diferente.*

Afastou-se do poste para ler a sentença. Por alguma razão, começava a faltar-se de frases sem imperativos. Andou mais dois quarteirões e escreveu em outro poste: *meu povo! o principal representante dos detergentes são as lavadoras automáticas. bebam! se criou uma demanda progressiva de substâncias mais ativas e que se comportassem melhor em águas duras mais ricas em cálcio. as águas duras aumentam a hidrosolubilidade do sabão diminuindo o tempo de contato entre o mesmo e a roupa reduzindo a eficiência do sabão. no mercado doméstico produtos detergentes não saponáceos de origem industrial incluindo misturas de tensioativos com outras substâncias coadjuvantes como os polifosfatos silicatos carbonatos e perboratos e agentes auxiliares que incluem entre outros enzimas substâncias fluorescentes estabilizadores de espuma corantes e perfumes...*

Ao reler dessa vez, ficou um pouco mais satisfeito, mas não sabia exatamente o motivo. Desta vez, aproximou-se de um muro e rabiscou a seguinte frase: *meu povo! o detergente mais comum é o sal dodecil-alquil-benzil-sulfonato de sódio que se origina através da reação de soda com ácido sulfônico. saibam, meu povo, que o persil são as três primeiras letras dos produtos da mistura. os surfactantes são substâncias anfílicas ou seja apresentam em sua estrutura molecular uma parte polar e outra apolar o que dá a estas moléculas a propriedade de acumularem em interfaces de dois líquidos, que devem ser bebidos imediatamente, certo meu povo?* Ficou completamente extasiado com a aparente perfeição daquela construção. Percebeu que a guerra de culturas era na verdade uma fachada para a velha e boa luta de classes. "Isso um dia vai ser usado em algum discurso político, *faire foutre*", pensou o revolucionário acometido de uma convulsão de pressentimentos.